

## DUAS TENDÊNCIAS

Ivan Illich\*

Este texto foi publicado na revista Sozial-und Praeventivmedizin (vol. 24, n.º 2-3) da Sociedade Suíça de Medicina Social e Proventiva como introdução para o artigo de Valentine Borremans "O inverso da saúde medicalizada. Poderemos escapar aos monopólios profissionais que regem no mundo ocidental e que exercem a sua influência sobre a saúde, o ensino, o emprego?" apresentado ao Seminário Dag Hammarskjöld de 1977 sobre o tema: "Um outro desenvolvimento na área da saúde", Uppsala, Suécia. O original inglês, "The Inverse of Managed Health" foi publicado no periódico Social Development Issues, vol. 1 n.º 2:88-103.

É importante não confundir as novas formas administrativas de medicalizar a saúde com a tendência de diminuir a medicalização dos cuidados de saúde. No primeiro caso, caminhamos para um agravamento considerável daquela utopia que já orientava a "saúde pública" durante o período pós-guerra: os cuidados de saúde impostos como "bens de consumo". No segundo caso, partimos de uma nova visão social que só atribui valor ao progresso técnico na medida em que este aumenta o poder do indivíduo e da comunidade através de atividades autônomas. Eu chamo de "autônomas" aquelas atividades pelas quais as pessoas definem suas necessidades, criando ao mesmo tempo seus próprios valores. A escolha com que se defronta a medicina — a "crise" da medicina — só pode ser entendida se nós fazemos esta distinção filosófica.

O fracasso da política médica dos anos cinquenta e sessenta, provocou a aparição de diversas atividades *profissionais* ligadas à saúde. Aconteceu um entrosamento, cada vez maior, entre o dirigismo da "saúde pública", a introdução de pessoal para-médico, a doutrinação sanitária e uma obsessão médica pela "boa saúde". Também assistimos a incorporação de práticas populares, e até mesmo ocultas, no arsenal terapêutico. Desta maneira, a crise da medicina serviu para submeter novas levas de pacientes à ação das "profissões de saúde" sancionadas por diplomas *ad hoc*. São novas condições que exigem regulamentação e supervisão e levam a novas fórmulas de controle social. Nesse processo, os médicos foram destituídos de algumas atribuições. Entretanto, a introdução de novas formas de prestação de serviço durante os anos setenta aumentou, na realidade, a dominação dos profissionais sobre os cuidados de saúde. Alguns membros criativos das profissões

de saúde e seus aliados políticos — adeptos da medicalização generalizada da população — descobrem novos campos de ação.

Por outro lado, muitas vezes estão rejeitando a idéia de que haja necessidade de serviços em abundância e de tutela profissional sobre a saúde. Estas vezes estão propondo alternativas. Só recentemente compreendi quanto as novas formas de descentralização são valiosas, racionais e inovadoras — mas também dispersas, variadas e inéditas\*\*. Me dei conta disso ao examinar o "Guide to Use-Value Oriented Convivial Tools" (Instrumentos modernos orientados para a produção de um valor de uso) preparado por Valentine Borremans. De acordo com esta outra visão do relacionamento dos seres humanos com seus instrumentos modernos, a saúde consiste precisamente na independência frente aos serviços e não no acesso aos serviços. Encontramos as mesmas idéias nos movimentos feministas de auto-ajuda, nas associações de pessoas portadoras de deficiência e em milhares de outros grupos no mundo inteiro.

Entretanto, ambas as tendências — aquela que busca um profissionalismo diversificado e radical, concedendo de forma paternalista algumas responsabilidades a seus pupilos, e aquela que propõe uma desprofissionalização prudente, embora radical — partem da mesma constatação de uma perda angustiante de credibilidade da política médica em todos os países do mundo a partir da segunda guerra mundial:

Em nenhum outro setor a racionalidade de uma ideologia foi eclipsada tão repentinamente como na área da saúde. De repente, chegou o momento em que se reconheceu o caráter metafísico do conceito de saúde como foi definido pela Organização Mundial da Saúde\*\*\*. Podemos atribuir a uma nova geração de burocratas-filósofos — dos

\* Autor do livro "Expropriação da saúde: Nemeses da medicina", 4.ª ed. publicado em língua portuguesa pela Ed. Nova Fronteira.

\*\* Como exemplo publicamos a seguir "Uma carta do Acre".

\*\*\* "A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doença ou invalidez."

quais o Dr. Halfdan Mahler é, a meu ver, o exemplo mais notável — a possibilidade de que a crise de uma ideologia se transforme em crise muito mais profunda: em uma oposição pública entre duas visões contraditórias da saúde. De um lado temos a verificação operacional de um "bom estado de

saúde", produzido, protegido e administrado profissionalmente. De outro lado temos a busca pessoal da saúde, que só pode existir quando são garantidos, não apenas os direitos aos bens de consumo, mas principalmente a liberdade de criar os próprios valores de uso.

## UMA CARTA DO ACRE

Rio Branco, junho de 1964

Queridos amigos:

Faz tempo que não mandamos notícias. A contingência de vivermos meses a fio no meio da mata nos impõe esta limitação. Quando saímos para a cidade tentamos retomar os fios de uma comunicação sempre difícil mas necessária.

Hoje temos uma notícia alegre para lhes dar. Muito alegre, por sinal. É que na lua minguante do mês de maio, dia 23 mais precisamente, nasceu o irmãozinho da Pama. Nasceu no meio da mata, de uma forma simples e calma que nos surpreendeu, em primeiro lugar Lori, que o gerou com muita coragem mais o auxílio inestimável de duas mulheres Kulina, Sito e Marina. Elas foram ótimas companheiras, contribuindo muito para que Lori pudesse ganhar nosso filho com rapidez e tranquilidade, de acordo com o costume Kulina, parto de cócoras, enquanto Lori se segurava com força na rede suspensa sob o mosquito, sendo amparada pelas mulheres que lhe auxiliaram durante todo o tempo com extremo cuidado e carinho.

Enquanto as contrações aumentavam e ficavam mais freqüentes, as parteiras incentivavam Lori a fazer força nos momentos certos, massageando o ventre e as costas com leite materno e a sustentando quando parecia fraquejar. Tudo, porém, correu bem e num prazo surpreendentemente curto. Lori começou a sentir os primeiros sinais de madrugada e lá por 8 horas ainda foi ao igarapé se banhar, lavou suas roupas e voltou para casa. Bebeu chá e juntos preparamos a rede, onde ela se deitou até a hora do parto. Uma hora e 45 minutos depois, às 9,45 hs, o menino já dava seus primeiros berros afirmando sua presença no mundo.

Ele nasceu como um Kulina. Nasceu no chão e do chão foi erguido pela primeira vez por um homem Kulina que lhe cortou o cordão umbilical com um estilete de canarana preparado na hora, lhe dando o primeiro banho. Como um pediatra verdadeiro, Binô lhe fez as primeiras massagens por todo o corpo, começando nos pés depois nas mãos, braços, nádegas, pescoço, rosto. Depois ele o vestiu com uma camiseta leve e o deitou para que dormisse.

Como é o costume Kulina, o menino recebeu o nome deste homem que é o seu 'idimade', uma espécie de padrinho. Nós escolhemos outro que será seu nome de registro, pelo qual será chamado na nossa sociedade: Mauirá, nome Jamamadi que os Kúna adotaram. Mauirá nasceu com 3,200 kg e 52 cm. Ele chega para alimentar nossa esperança e traz a mensagem da alegria e da luta pela vida. Pama o recebeu com carinho, pois viveu conosco toda a expectativa que uma espera dessas significa. Já nos primeiros dias o embalou na rede cantando as canções Kulina que se assemelham às nossas canções de ninar.

Lori sofreu um pouco no início por ter muito leite. Um dos seios ficou bastante dolorido. Mas superou os primeiros problemas logo e já amamenta tranquilamente. Mauirá, como todo recém-nascido, passou alguns dias com cólicas fortes até se acostumar com a nova vida. Agora já deve estar mais forte e mais observador, um mês de nascido. Logo poderá carregá-lo de novo nos braços como nos primeiros dias, quando dormiu no meu peito para se aquecer na noite fria da mata acreana.

Lori e eu ficamos de resguardo nos primeiros dias juntos. Muitos amigos já acharam graça desse costume comum a quase todas as tribos indígenas. Mas, por experiência, posso afirmar que nós, brancos, teríamos muito a ganhar se adotássemos esta prática tão simples, humana e bonita. Faz bem à criança, à mãe que encontra no companheiro um que lhe ajuda e acompanha dia e noite e faz um grande bem também ao homem que aprende a ser paciente e carinhoso.

Agora retorno à aldeia já com uma enorme saudade. Antes queria lhes passar esta boa notícia que é como se fosse um 'evangelho' da graça de Deus. Qualquer dia a gente se encontra na estrada da vida. Então vocês poderão nos fazer contar tudo de novo e muito mais de viva voz. Até lá, recebamos nosso abraço, a nossa saudade e os nossos beijos.

Roberto Zwetsck